

# AS LITERATURAS NEGRAS NA ESCOLA: ESCREVIVÊNCIAS DE COMBATE AO COLONIALISMO.

Adrielly da Silva Gomes<sup>1</sup>  
Maria de Fátima Vilar de Melo<sup>2</sup>

## RESUMO

Diante de uma sociedade estruturalmente racista, faz-se necessário que, nas escolas, os estudantes possam conhecer novas epistemologias e literaturas negras. No hodierno, com a popularização das redes sociais, e com muitos profissionais ampliando seus trabalhos para o meio digital, é possível tomar conhecimento de diversos artistas contemporâneos. Esses têm lançado livros físicos, digitais, mas também colocado sua poesia nas redes sociais, além das discussões importantes, que poetas e poetisas negras têm levantado nas redes acerca das problemáticas sociais vigentes. Dessa maneira, o objetivo central deste trabalho é refletir sobre as literaturas negras em sala de aula como escrituras capazes de combater o colonialismo, possibilitando aos estudantes conhecimento sobre escritores e escritoras de diferentes épocas. Assim sendo, não apenas os livros físicos, mas as redes sociais serão importantes que esses estudantes possam apreender um conhecimento que está mais perto que distante. Além disso, será importante para levar artistas negros (as) para a sala de aula e levantar o debate de luta e representação contra o colonialismo e o racismo estrutural, que estão imbricados na sociedade e são basilares nos discursos que fortalecem o âmbito social. A estrutura racista fincada a partir do colonialismo gera, historicamente, um apagamento da arte negra e das epistemologias que emergem dessa população em forma de arte. Portanto, este trabalho também será importante para pensar novas formas de ensinar literatura em sala de aula, sem deixar de lado a bagagem

1 Mestranda em Ciências da Linguagem, na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. [adriellygomes2951@gmail.com](mailto:adriellygomes2951@gmail.com)

2 Professora da Pós- Graduação em Ciências da Linguagem, na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP [fátima.vilar@unicap.br](mailto:fátima.vilar@unicap.br)

dos estudantes e uso das mídias sociais que, neste caso, poderiam ajudar a aproximar artistas negros e negras que transformam suas poesias e prosas em histórias de ação combativa contra a opressão.

**Palavras-chave:** Literaturas Negras, Colonialismo, Racismo Estrutural, Educação, Redes Sociais.

## INTRODUÇÃO

Silvio de Almeida (2019) enfatiza que o racismo estrutural não se trata da violência de um indivíduo sobre outro, mas de um grupo sobre outro, levado os violentados a perderem direitos básicos na sociedade, serem vítimas de estereótipos e marginalizados. Foi isso que aconteceu com o povo preto historicamente na sociedade e isso reflete, também, em como esses povos são tratados socialmente, não é apenas o corpo negro que é marginalizado numa sociedade estruturalmente racista, mas todas as características que remetem a esses povos. Como exemplo, temos a desvalorização das religiões de matrizes africanas, as exclusões de epistemes que remetem ao povo negro, as artes, dentre outros.

Diante deste processo, o objetivo deste artigo é buscar refletir como as literaturas negras, sendo levadas para as escolas, podem ser experiências de combate ao colonialismo. Dessa maneira, a contribuição deste artigo para a sociedade está ligada ao letramento crítico, que visa a criar estudantes pensativos diante da sociedade que está posta. Além disso, para que a reflexão seja eficaz, é importante respeitar e levar em consideração a bagagem dos estudantes, o que eles já levam consigo para a sala de aula, de acordo com as observações e gostos que eles adquiriram no dia a dia. A teoria que nos leva a pensar sobre este prisma é a dos *Multiletramentos* de Roxane Rojo (2012), visto que a autora defende a educação por meio de uma cultura diversa, em que, também, as tecnologias digitais possam estar inseridas.

Acerca das tecnologias digitais, pretende-se, também, visto que estamos utilizando a teoria dos *Multiletramentos*, pensar como os estudantes podem aprender a partir das redes sociais, pois é importante que as literaturas apresentadas em sala de aula se refira, não apenas aos autores que fizeram história, mas aos que estão construindo um caminho no presente. Esse pode ser um caminho para os estudantes conhecer autores e autoras negras locais e até compartilhar os que conhecem com os colegas em sala e professores.

Ademais, para propôr uma modificação é importante mencionar o porquê que algo precisa ser modificado e para fundamentar teoricamente as reflexões que este artigo propõe, serão importantes não apenas as teorias de Rojo (2012) e de Almeida (2019), mas também, as reflexões de Abdias Nascimento (2019), sociólogo brasileiro que discorre sobre o processo brasileiro de exclusão das questões raciais até mesmo no âmbito literário. Nascimento também buscará informar o quanto a oralidade foi importante para a população negra ao longo do processo de colonização do Brasil e como ela utilizou as adversidades a que estavam submetidas para a contação de histórias, e para manter a

sua cultura viva. Abdias Nascimento é uma importante referência para pensar criticamente sobre as literaturas que estamos adeptos, mas também pra pensar em novas literaturas para contribuir com a formação dos estudantes.

Ainda, para ligar-se aos conceitos de Abdias Nascimento, Silvio de Almeida e Rojo, será de extrema importância para a pesquisa as reflexões de Anibal Quijano (2005) sobre colonialismo. A priori, os conceitos serão importantes para fundamentar o título da pesquisa, se busca-se combater o colonialismo é importante discorrer sobre ele. Para Quijano, colonialidade e modernidade é um tandem que constitui uma a outra, sendo que a modernidade é a para o autor a parte visível, bonita, enquanto a colonialidade é aquilo que está às escondidas. Por trás do discurso de progresso, desbravamento, crescimento das colônias, tem-se o colonialismo, ou seja, o massacre a diversos povos, a imposição das culturas, o apagamento, a escravização. Em nome da modernidade, mata-se, e impõe-se a crueldade.

Um outro conceito importante para o artigo é o de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, em sua dissertação de mestrado, para se referir à escrita de pessoas pretas. Para a autora, essas pessoas negras não escrevem apenas sobre si, mas sobre o outro, havendo assim uma eu coletivo. O conceito é importante para pesquisa porque estamos falando de literaturas negras, e, dessa forma, a experiência desses autores poderiam falar, também, sobre a realidade dos estudantes que estariam entrar em contato, e, por isso, a bagagem dos alunos precisa ser levada em consideração.

Esses conceitos centrais são importantes para a construção deste artigo visto que um, de certa maneira, justifica o outro. É a linha de racínio criada para a elaboração do texto entendendo o processo histórico-social, para discutir o processo de inserção das literaturas em sala de aula, para depois pensar como as redes sociais poderiam contribuir para este processo. E, por fim, é importante citar a importância desta inserção de autores negros na sala de aula para pôr em prática a lei 10.639/03, que prevê o ensino da cultura afro-brasileira na escola, é possível inserir tal história na sala de aula de maneira interdisciplinar por meio do ensino de Literatura, Língua Portuguesa. E, para fundamentar a interdisciplinaridade, recorrerei ao Félix Guattari (1992), que defende a importância da pesquisa para os indivíduos no geral, e é sugestivo quando enfatiza a necessidade de haver pesquisas em que pautem as minorias. O autor também coloca que a interdisciplinaridade não consiste apenas nas disciplinas se tocarem, mas se imbricarem a ponto de gerar novos conhecimentos e conceitos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa para a construção do texto é de cunho bibliográfico e será dividida em dois momentos: o primeiro momento consiste em discorrer sobre o processo de estruturação do racismo em sociedade. Nesta fase da escrita será importante mencionar os autores que fundamentam a construção do racismo moderno pelo globo e como este processo ocorreu e ocorre diariamente no Brasil. Ainda, será importante discorrer sobre a lei 10.639/03, em ligação com a interdisciplinaridade e a escrevivência para fundamentar a importância das literaturas negras em sala de aula.

O segundo momento para a reflexão sugerida neste texto, está ancorada nos estudos dos multiletramentos. Dessa maneira, será importante discorrer sobre o conceito, levantar as perspectivas da autora, para, então, traçar formas de como os conceitos poderão ajudar na aprendizagem dos estudantes. É importante retomar que este texto visa as redes sociais como mediadora para o acesso aos autores negros que estão traçando projetos hoje.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como mencionado anteriormente, o primeiro momento para a elaboração deste artigo se dá a partir da discussão sobre o processo de estruturação do racismo na sociedade e sobre a lei 10.639/03. Dessa forma, inicialmente, é importante mencionar que, Segundo Quijano (2005), no texto *Colonialidade do Poder*, a ideia moderna de raça foi responsável por tornar vertical as relações sociais, assim como os níveis de humanidade. Dessa forma, quanto mais negro um indivíduo fosse, mais desumanizado ele seria, e quanto mais branco, mais humanizado ele seria perante a sociedade.

Esta visão imposta pelo processo de modernidade/colonialidade vai ser reponsável por criar e fortalecer a história entre os vencidos e vencedores, sendo, portanto, os vencidos, as populações colonizadas. Essa, também, é uma maneira de fortalecer historicamente visões acríicas sobre o processo de colonização e fortalecer discursos e esteriótipos que margeiam forçadamente os povos indígenas e os povos negros. Além disso, é importante mancionar que os termos “índio” e “negro” foram, também, formas de reduzir os povos, sendo, portanto, termos coloniais, que passaram a ser naturalizados. Veroneli (2021) explica que o sistema de classificação racial criado pelo pelos povos colonizadores moldaram e estruturaram cada âmbito das realações globais, inclusive o geográfico, o religioso, a episteme, dentre outros.

Quijano (2005) explica a colonialidade a partir da modernidade, enfatizando que uma é constitutiva da outra, sendo a modernidade o lado iluminado, que todos verão como necessário para o progresso, para o avanço das sociedades; enquanto que a colonialidade é o lado obscuro, pouco avistado pelas pessoas, Veronelli (2021) também explicará este processo nesses mesmos termos. Ao dizer que a modernidade é o lado iluminado, os autores pretendem explicar que por trás desse discurso da beleza e necessidade de modernização, houve massacre, destruição e escravização de muitos povos durante séculos.

Veronelli (2001) também explicará que o colonialismo fará com que o processo de racialização seja enxergado socialmente como natural e a-histórico, diante disso, é importante retomar Quijano (2005), quando o autor pontua a inexistência das questões de raça antes do processo de colonização. Isso é importante para tornar explícito o que vem sendo explicado por aqui, as questões de raça e racialização passaram a existir a partir da colonização europeia, a partir dos interesses desse povo e de sua expansão capitalista, que, portanto, se deu a partir do massacre.

Ademais, Abdias Nascimento (2019) ao salientar que o processo de escravização foi, na verdade, um crime hediondo, também explicará que o Estado não arcou com as necessidades dos povos negros após a abolição de 1888, deixando muitos indivíduos sem emprego, acesso a educação e até mesmo necessidades básicas, a exemplo da alimentação. É importante mencionar que não era permitido que pessoas negras pudessem ler ou escrever e, diante disso, Nascimento (2019) pontuará que a oralidade foi importante para a manutenção das culturas africanas, agora, na diáspora. Assim sendo, a partir da oralidade os povos negros tentavam manter viva as duas culturas, e contavam histórias, cantavam músicas, realizavam seus rituais, o autor explicará que a prática oral era uma característica da cultura africana. Assim, a partir da oralidade os jovens eram educados, as transações comerciais ocorriam, e a cultura permanecia viva.

Após anos de massacre, em uma sociedade estruturalmente racista, é possível perceber que a forma como se aprende nas escolas, nas universidades, ou seja, nas instituições também está tomada pelos pensamentos e discursos hegemônicos que fortalecem o racismo, como enfatiza, também, Abdias Nascimento (2019). Por isso, pode-se considerar que a Lei 10.639/03 é uma forma de tentar correr atrás dos danos históricos causados pelo processo de massacre que pessoas pretas enfrentaram ao serem sequestradas para a diáspora. E, por isso, é importante levar em consideração a vivência desses povos para que a Lei possa ser aplicada em sala de aula. Apesar de se falar do ensino da história afro-brasileira nas escolas, é importante pontuar uma

interdisciplinaridade para a aplicação desta lei, que pode ser aplicável não apenas por professores da disciplina de história, mas, também, de outras disciplinas, inclusive de literatura.

Dessa forma, é possível mencionar a importância da interdisciplinaridade que, segundo Félix Guattari (1992) parte do âmbito cognitivo, para os âmbitos sociais, políticos, dentre outros, por isso, o autor vai defender a fomentação de uma mudança de comportamentos sociais, a partir do que ele vai chamar de ecologia científica. O estudo de Guattari (1992) é importante para este trabalho porque este artigo também propõe uma mudança de comportamento, sendo assim, de ampliação dos estudos, assim como também propõe a interdisciplinaridade.

Outrossim, conceito de escrevivência, cunhado pela autora Conceição Evaristo é, por si só, interdisciplinar em diversos aspectos, pois remete fortemente à literatura, mas também não deixa de lado as vivências da população negra, que para ser entendida é importante buscar conteúdos históricos e sociais. Conceição Evaristo explica que a escrevivência não é apenas uma escrita de si, pois mesmo que um autor ou autora negra escreva em primeira pessoa, em algum momento o seu texto será ampliado para outras pessoas pretas, se tornando, ali, um “eu coletivo”. Por isso, levar autores e autoras negras para a sala de aula é possibilitar que os estudantes possam conhecer este processo de escrevivência, enquanto compreendem o processo histórico social da população negra e a potência da literatura afro-brasileira.

É importante, portanto, colocar em evidência que, embora pessoalmente não haja discordância com pedagogias anti-coloniais, o que se propõe neste artigo não é descolonizar, mas decolonizar. A diferença entre os dois termos vem da autora Catherine Walsh, que é exemplificado por Veronelli (2021), ao propôr um processo de decolonização no ensino, não se pensa em excluir os outros saberes que foram construídos e estão na sociedade, mas ampliar as possibilidades de saberes. A importância da proposição está em os estudantes possam ter uma visão ampla e conhecer a potência dos povos pretos que está sempre marcada pelo epistemicídio.

## **PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS COMO MEDIAÇÃO PARA A AMPLIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

Segundo Roxane Rojo (2012), seria importante que o ensino visasse os letramentos múltiplos e o processo deveria ser abrangente de modo a fomentar a leitura crítica com foco, também, em análises e produções textuais com uma semiose múltipla e que verse a multiculturalidade. A autora explica que

nem sempre trabalhar com multiletramentos é adicionar tecnologias digitais, mas ter o cuidado em focar nas culturas que o alunado tem como referência, ou seja, respeitar a bagagem do estudante.

A nossa reflexão propõe o uso das tecnologias digitais, sobretudo, das redes sociais para a pesquisa e compartilhamento de autores e autoras negras que usam a internet para compartilhar seus trabalhos. Deixar que o estudante leve para a sala de aula o que se identifica, o que, muitas vezes, pode estar presente na comunidade em volta e que faz parte da vida e construção dele, é fomentar um ensino plural. Segundo Rojo (2012) focar nas culturas de referências do alunado é fomenta a busca de “um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático” (ROJO, 2012, p. 8). Além disso, respeitar a bagagem do estudante é, também, gerar um letramento crítico.

É importante, segundo Rojo (2012), falar sobre a realidade que está em volta do estudante, visto que tendo uma visão crítica eles podem questionar o que está posto, e até buscar maneiras diferentes de mudança social. Há um exemplo na obra *Multiletramentos na escola* em que a autora explica que não falar sobre a realidade que está posta para os estudantes pode, muitas vezes, ajudar a fomentar a violência, visto que se o alunado não tem uma visão crítica sobre o que entorno, ele pode, posteriormente, reproduzir as formas de violência.

Ademais, a estudiosa explica que a necessidade de haver uma pedagogia dos multiletramentos não está centrada apenas na existência das várias TIC's, mas na necessidade de levar para o alunado a existência de uma variedade de culturas presentes na sala de aula de uma sociedade, então, globalizada. Dessa maneira, o interesse era, não apenas fazer com que os estudantes conhecessem as culturas, mas inserir esta necessidade ao currículo da escola.

Diante do que é explicando por Roxane Rojo, a pedagogia dos multiletramentos cabe na proposta do artigo, visto que está sendo proposta a ampliação da aprendizagem das literaturas, a partir das literaturas negras. Isso é, também, entender a pluriversalidade das culturas e levar em consideração o letramento digital para a possível realização do processo de aprendizagem. Não se pretende, aqui, excluir teorias, autores, e literaturas já consideradas canônicas, mas ampliar o conhecimento dos estudantes e levar à visão crítica, respeitando o que está no seu entorno e ajuda em sua formação enquanto indivíduo em sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já entendemos que o colonialismo é um processo complexo e contínuo. A escrevivência, por sua vez, coloca no centro da reflexão as experiências de pessoas pretas, que se enunciam por meio da escrita, que ao falar de si, acabam abrangendo o outro e alargando a sua escrita pessoal para um coletivo. Se o colonialismo está sempre continuidade, a escrevivência não é uma arma, mas um caminho de luta para inibi-lo, visto que é o contrário do que o colonialismo propõe. Se o colonialismo pretende calar e invisibilizar pessoas pretas e o capitalismo global tende a cooptar as formas de combate a este processo, a escrevivência é um caminho que está aberto e pode ser percorrido para que pessoas pretas, juntas, possam reflexionar, se conhecer, entender as contradições da sociedade e arranjar formas para lutar contra este processo desumanizador.

Por outro lado, é importante ensinarmos para nossos estudantes como percorrer por este caminho, em que viélas eles podem adentrar para chegar até lá e como podem fazê-lo. Usar as tecnologias digitais para evidenciar pessoas pretas que têm lutado continuamente pela sobrevivência do seu corpo, da sua arte, da sua episteme é uma forma de percorrer este caminho e promover a criticidade a partir do entendimento as contradições da sociedade racista e capitalista. Por isso, levar as literaturas negras para a sala de aula é uma estratégia para combater o colonialismo, que não será inibido com facilidade, mas que pode haver uma caminhada em comunhão à educação para que essa luta seja alargada. Esses estudantes, podem acessar às escrevivências de diversos autores e autoras, mas podem encontrar neste caminho uma forma de construir as suas, entendendo que é um processo de luta coletiva.

É importante mencionar que em momento algum é utilizada durante o texto o termo “descolonização” com o “s”, isso ocorre porque o intuito desta sugestão não é excluir, mas incluir, alargar, tornar o conhecimento rico e diverso. É importante compreender o passado, para se ter um presente e pensar em um futuro, como enfatiza Nascimento (2019), negar os acontecimentos nefastos da colonização pode contribuir para o esquecimento do massacre, e esquecer a colonização não é o que se propõe, visto que não se pode cobrar uma dívida da qual não se tem conhecimento. Claro, não é um intuito deste artigo, também, limitar o conhecimento aos sofrimentos e violências sofridas pelas pessoas pretas, por isso, se propõe conhecer esses autores e autoras negras, que transformam suas histórias em potência, que mostram que o povo preto pode fazer arte, e que são maiores que o projeto de desumanização colonialista.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.  
EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. – 4. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2018.  
GUATTARI, Félix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.1, 108, p. 19-26, jan-mar, 1992.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder**, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLASCO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma Militância Pan-Africanista. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, Editorial 2012.

VERONELLI, Gabriela. Sobre a colonialidade da linguagem. **Revista X**. v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.